

# “SARAU DO GUETO - EXPRESSÕES PERIFÉRICAS”: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Adrielle Duran<sup>1</sup>  
Angélica Topfstedt<sup>2</sup>

*Não estamos perdidos.  
Pelo contrário, venceremos se não tivermos  
desaprendido a aprender.*  
Rosa Luxemburgo

Há que se problematizar a educação, dentro e fora da escola. Há que se refletir sobre as diferentes formas que compõem o ato de educar. Diante disso, o presente trabalho procura lançar luz sobre as relações entre educação, arte e literatura, a partir de algumas reflexões de práticas educativas não-formais. Para tanto, descreveremos brevemente uma experiência de imersão em um espaço que se propõe a formas alternativas de educação: o Instituto Baobá – Ibaô, situado em uma região periférica do município de Campinas.

Nós, alunas de licenciatura em Ciências Sociais e Dança da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, unimo-nos na disciplina de Estágio Supervisionado II, ministrado pela professora Alik Wunder<sup>3</sup>. O projeto de estágio da referida professora propõe intervenções em espaços escolares ou não escolares, em equipes multidisciplinares, conforme a proposta dos estágios das licenciaturas integradas. Logo de início, a proposta de realizar o estágio fora de espaços de educação formal pareceu-nos uma excelente oportunidade de envolvermo-nos com espaços que até então apenas cultivávamos o desejo de visitar. Dentre eles, o Instituto Baobá - Ibaô, onde decidimos estagiar. O referido espaço trata-se de um ponto de cultura, localizado em um bairro de Conjuntos Habitacionais - COHAB - em uma região periférica da cidade Campinas, que busca promover práticas culturais relacionadas a tradições de matrizes africanas e afro-brasileiras, como a Capoeira e o Afoxé, em meio à comunidade que compõem seu entorno.

No Ibaô também aconteciam reuniões do coletivo “Mulheres de Axé”. Formado por mulheres da comunidade, este grupo organizava saraus e eventos. Elas, juntamente com outros participantes do Ibaô, contaram-nos um pouco sobre a história da cidade: Campinas foi a última cidade do Brasil a abolir a escravidão, e era conhecida por seus severos castigos com negros e negras escravizadas. Atualmente, além da cidade possuir muitos pontos de cultura afro-brasileira (Casa de Cultura Tainã, Comunidade Jongo Dito Ribeiro, Grupo Urucungos, Puitas e Quijengues, Ponto de Cultura Ibaô), nela também é feita a lavagem da escadaria da Catedral Metropolitana de Campinas, tradição das comunidades de candomblé em todo o país, da qual algumas das “Mulheres de Axé” participam. Assim, adentramos o Ibaô permeadas por essas histórias e com novos olhos para a cidade ao nosso redor.

Uma das atividades desenvolvidas no Ibaô, e sobre a qual centraremos nossa narrativa, foi um sarau que se propôs a ser uma abertura a manifestações culturais, sobretudo à arte e à cultura muitas vezes marginalizadas na sociedade. Consoante a tal proposta, nas reuniões em que discutimos o tema, programação e convidados, foram levantados aspectos que, por fim, nos levaram a nomear o evento de “Sarau do Gueto - Expressões Periféricas”.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Educação Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação – Unicamp. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO.

Propusemo-nos então a estar presente nas reuniões promovidas e nos envolver com o espaço em questão, entendendo seus elementos culturais, tais como poesia, música e figuras importantes para o movimento. Além de nos organizarmos com tarefas para a pré-produção do sarau, como divulgação, convites e programação. Nos preparativos no dia do evento, ajudamos com a limpeza e estrutura do local de um modo geral, em especial a montagem do varal de poesias. Trouxemos poesias de nossa escolha para compô-lo, escritas à mão ou impressas. Chegada a hora do sarau, auxiliamos na recepção e acolhimento das pessoas, bem como a logística em geral.

Foi então dado início às apresentações e à abertura do microfone. Percebemos nesse momento algo que já havia sido dito por nossas companheiras, mas que só pudemos vivenciar na prática nesse dia: toda potencialidade que há no “microfone aberto”. Muitas pessoas que ali estavam participaram dessa dinâmica, algumas declamando poemas que estavam no varal, outras lendo algum de sua própria autoria, outras buscando ali na hora, na internet, algum poema do qual se lembrara. Nós também nos propusemos a declamar poemas como modo de nos envolvermos mais efetivamente nessa experiência. Escolhemos então obras que nos tocavam e que de algum modo estavam relacionadas com nossas próprias vivências e sentimentos. Lemos, dançamos, sentimos. Assim, cada uma das autoras relata o momento:

*O varal se estendia por todas as paredes do salão, eu procurei olhar todas as poesias e me deixar tocar por elas. Engraçado como é poesia, parece um carinho no coração. Assim, encontrei uma, chamada “Meus braços”, que comparava o corpo com uma árvore, que dançava pelo movimento dos ventos, das chuvas, das flores. E estava sem autoria! Entendi então, que aquele poema não era para ser declamado, e sim dançado. Junto ao microfone, recitei as palavras e com meus braços recitei os movimentos. Descobri por fim ser de uma das companheiras. Foi uma experiência muito especial. (Depoimento de Angélica)*

*Percebi em um dado momento que os poemas, performances e intervenções eram elementos vivos: eram portadores das vozes que gritavam sobre a realidade daqueles e daquelas que ali recitavam, cantavam e dançavam. Frente a isso, deparei-me com a vontade de também externalizar minhas próprias sensações, dando-lhes a forma – e a força – de palavras recitadas. Busquei então por um poema que havia me tocado muito na semana antecedente ao sarau, e que ainda ecoava em minha subjetividade. A experiência de declamá-lo foi, mais do que um rompimento com a insegurança frente ao microfone, uma partilha de sentimentos com a coletividade ali presente. (Depoimento de Adriele)*

Nesse momento, percebemos, ao presenciar e participar das performances que ali tomaram lugar, a prática daquilo a que a Eliana Kefalás refere-se como “*materialidade sensível da palavra literária*” e a “*corporeidade do verbo poético*”. Vimos (e sentimos) a força da palavra declamada, dita em voz alta, expressa de modo multifacetado, por diferentes sentidos.

No que tange à relação leitor e palavra, acreditamos que, por se tratar de um espaço não escolar de educação, a relação que ali se estabeleceu ocorreu de modo muito mais dinâmico, fugaz e sensível. Podemos afirmar que as pessoas presentes eram, de algum modo, de fato atravessadas pelo texto, não através de uma relação instrumentalista, mas eram tocadas pelas palavras, e entregavam-se ao declará-las. Segundo Kefalás:

Ao se adentrar um texto através da voz ou levado-se em conta o corpo, procura-se estabelecer um jogo com o texto que tateie o campo sensorial da palavra poética. Um texto escrito quando ganha o movimento das vozes, de sons, de melodias, ritmos parece testemunhar em si sua natureza dinâmica, interativa, transformadora. (KEFALÁS, 2008).

Podemos também notar como o sarau representou, do ponto de vista afetivo e subjetivo, um espaço de criação de laços e emergência de sentimentos de identidade e pertencimento. Conforme aponta a pesquisadora Lucía Tennina (2013), em uma interessante análise sócio-geográfica a respeito dos saraus que ocorrem nas zonas periféricas da cidade de São Paulo, o estudo desses eventos permite-nos pensar a periferia não apenas como um espaço delimitado a partir de seus valores e condições econômicas e socioestruturantes, mas como um espaço afetivamente marcado, ressignificado a partir dessas manifestações culturais (TENNINA, 2013, p. 13). Em suas palavras,

Quase todos os poemas declamados têm a ver com a conformação de uma geografia afetiva a partir de uma atenção voltada para as vivências apreendidas no dia a dia da comunidade, traçando uma estética particular nessas reconfigurações. [...] O mecanismo de ressignificação do “ser periférico” por meio da poesia não é, portanto, exclusivamente temático; há também um estilo comum que o articula: o esforço pelo detalhe, a periferia narrada com lupa. (TENNINA, 2013, p. 13).

Foram sensações muito semelhantes às que presenciamos e vivenciamos no sarau a que nos referimos: muitas poesias potentes e que tocavam em questões sobre rua, periferia, sobre como é a vida de um trabalhador que usa o transporte público para uma jornada longa de trabalho, sobre mulheres negras, sobre amores, sobre força.

Enfim, podemos então afirmar que a experiência de educação não-formal que vivenciamos no referido estágio atravessou-nos de modo bem particular: através da poesia, do encontro (das autoras de áreas diferentes e das pessoas da comunidade no sarau), pudemos ressignificar a relação entre arte, cultura e educação. Refletimos sobre saberes outros que, ao transcenderem a lógica da educação formal institucionalizada, abrem novos espaços e caminhos ao ato de aprender.

## Referências

OLIVEIRA, E. K. *Corpo a corpo com o texto literário*. Campinas: Autores Associados, 2008.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 42, p. 11-28, dez. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2316-40182013000200001>>. Acesso em: 24 de jun. 2015.

## Sobre as autoras

**Adrielle Duran Silva** é graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

E-mail: [adrielle.duran@gmail.com](mailto:adrielle.duran@gmail.com).

**Angélica Topfstedt** é bacharela em Dança pela UNICAMP e cursa a licenciatura. Participou do Programa PIBID da Faculdade de Educação Física e do Departamento de Artes Corporais, onde foi produtora da I Semana “A Dança e seu Ensino”, promovida pelo subprojeto Dança. Atualmente leciona na Etec de Artes de São Paulo, no curso Técnico de Dança e integra o Grupo EmQueda como intérprete-criadora, que circula com seu primeiro trabalho, o espetáculo “O que te impede de ter leveza na alma?”.

*E-mail:* [geduarte.top@gmail.com](mailto:geduarte.top@gmail.com).